

O PROCESSO DE ACENTUAÇÃO DO LATIM AO PORTUGUÊS. UM ESTUDO DE “SÍNCOPE”

Terezinha de Moraes Brenner

Clarita Gonçalves de Camargo

RESUMO: Neste estudo, buscamos verificar o processo fonológico de acentuação do latim clássico ao português, fazendo um breve estudo sobre as regras que subjazem ao processo de acentuação. Para tanto, procederemos a uma análise das modificações dos vocábulos para mostrar que o processo de síncope veio se constituindo na língua desde o latim até a formação do português. No processo de análise a ser desenvolvido, tomamos como suporte a teoria da regra de metrificação.

PALAVRAS-CHAVE: Acentuação. Latim. Português.

ABSTRACT: This study aims at verifying the phonological process of accentuation from classical Latin to Portuguese by carrying out a study on the rules that drive the process of accentuation. We analyze the transformations that the language has suffered to show that the syncope is the loss of one or more sounds within a word, especially the loss of a thematic vowel. Therefore, we investigate this issue based on the rule of metrical phonology.

KEYWORDS: Stress. Latin. Portuguese.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar em alguns vocábulos o processo de síncope e acentuação ocorrido na evolução de algumas palavras do latim ao português. Levantaremos dados possíveis de fornecer explicações elucidativas do processo gerador de novas construções vocabulares à medida que a língua evoluía. Para isso, traremos exemplos que possam ilustrar essas ocorrências. Buscaremos compartilhar de uma pesquisa bibliográfica dos estudos que abordaram esse assunto, e das transformações que essas línguas sofreram com o decorrer das marcas históricas. Faremos uma breve comparação entre as mudanças de acento do latim ao português e do processo de síncope que modificou a estrutura, em alguns casos das palavras. A regra de fonologia métrica entra como construto teórico, trazendo autores que explicarão como funcionam as regras de mudanças do processo da síncope na evolução da língua. Pautar-nos-emos nos estudos de

Collischonn (1994), Halle e Vergnaut (1987), Bisol e Brescancini (2002), entre outros que embasaram nossa pesquisa.

1. COMO ENTENDEMOS O PROCESSO DE SÍNCOPE E DE QUE FORMA ISSO ACONTECEU

Entendemos como um dos processos de síncope a perda de um fonema no interior de um vocábulo, que pode ocorrer com vogal ou consoante. Entretanto, segundo Bisol e Brescancini (2002), a síncope pode ser entendida como a mudança na estrutura da palavra, conforme o seguinte exemplo: *apicola*>*apicla*>*abelha*; *mala*>*maa*>*má*; *pede*>*pee*>*pé*. Esse exemplo é retratado pelo processo sincrônico de evolução da língua.

Um exemplo de como se dá tal processo em vocábulos mais recentes, é o da palavra “*excepção*”, que se modifica para “*exceção*” e o de “*aritmética*” para “*arimética*”, em que se verifica a perda de uma consoante pós-vocálica que, desde o latim clássico, passando ao latim vulgar, até o português arcaico, tem mesma influência no português brasileiro em palavras proparoxítonas.

Observemos que para entender a regra que está por trás dos processos de síncope, há a necessidade de se recorrer à teoria métrica que mostra como surgem algumas ocorrências, cujo esclarecimento deve-se dar conforme o pé métrico postulado e exemplificado por Hayes (1991, *apud* Bisol e Brescancini, 2002). Vejamos considerações:

(1) (a) Troqueu silábico

(x .)

(b) Troqueu mórico

(x . .)

(c) lambo

(. x)

O troqueu silábico é um pé com duas sílabas, com proeminência à esquerda e que não faz distinção entre sílabas leves e sílabas pesadas. O sistema de acento que opta pelo troqueu silábico é insensível ao peso silábico. *O troqueu mórico* leva em consideração a distinção entre sílabas leves e pesadas, ou seja, conta as moras de uma sílaba que são sensíveis ao peso silábico. *O lambo* tem cabeça à direita, o que o diferencia dos troqueus, tendo como constituintes uma sílaba leve e outra leve ou pesada, caracterizando o acento em latim.

De acordo com Hayes (1999, *apud* Bisol, 2005, p. 56), o troqueu mórico caracteriza o sistema do acento em latim, formado pela regra:

(2) Pé sensível à quantidade e com a cabeça à esquerda

(x .)

Esse pé é chamado de troqueu irregular, porque os pés podem ser irregulares. Para Jacobs (1990, *apud* Bisol, 2005, p.76), o processo de síncope pode ser entendido como apagamento do membro fraco do pé, ou a redução de uma vogal, cuja passagem do latim clássico para o vulgar pode ser vista como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não marcado.

Exemplificar-se-á um processo de síncope em vogais intertônicas na ocorrência do latim vulgar: a vogal intertônica em latim vulgar caía nas mesmas condições que na vogal pós-tônica da penúltima sílaba, embora não tão extensivamente: *calīdarīm* >caldeiro; *compŭtāre* > contar; *consŭtŭram* > costura; *honōrāre* > honrar; *labōrāre* > lavar; *libĕrāre* > livrar (WILLIAMS, 1973). Já em português, se a vogal intervotônica era “e” (lat. cl. ē, ě ou ĭ) ou i (lat. cl. ī), precedida de *l, m* ou *r*, ou precedida de *c* e seguida de *t*, caía no latim tardio ou em período primitivo do português: **bellītātem* > beldade; *delīcātum* > delgado; *follicāre* > folgar, etc. Se o “e” intertônico era precedido de *n*, não caía, como o fazia a pos-tônica da penúltima sílaba: * *adrepoenītĕre* > *arrepĕeder* > arrepender; *genĕrālem* > geeral > geral.

Podemos verificar a redução vocálica do português e do latim no processo de síncope como na seguinte forma:

(3) (a) Latim:

(b) Português

Lapōrem > leporis > lebre (port.)

fósforo > fósforu > fosfru

arbōrem > arbore > arbre(Fr.)

abóbora > abóbura > abobra

Segundo Bisol (2005), a regra de redução síncope admitiu o troqueu silábico e permitiu afirmar que o domínio de redução da átona não final por neutralização é o pé métrico, denominado também como pé dissílabo da cabeça à esquerda. Ex:

(4) (a) Fos.fo.ro

b) A.bó.bo.ra

(* . .)

(* . .)

De acordo com Bisol, o acento passou a ser configurado na fonologia métrica como uma propriedade relacionada às sílabas, recebendo configurações das árvores métricas. Assim, o acento

ou o ritmo, passou a ser representado pela grade métrica, em que a altura do acento de cada sílaba corresponde à altura da coluna da grade que domina.

2. PROCESSO DE ACENTUAÇÃO DO LATIM CLÁSSICO

Entendemos que a regra de acentuação do latim ao português sempre recai nas três penúltimas sílabas, e é marcada pelas sílabas mais pesadas. Uma peculiaridade encontrada no latim é que a sílaba final nunca será acentuada, pois se caracteriza como extramétrica, não sendo relevante ao domínio do acento. Vejamos algumas considerações aplicadas ao latim, segundo Faria (1970, p. 136):

Toda sílaba constituída por vogal breve, ou por vogal breve precedida por uma ou mais consoantes, é breve[...], mas se a sílaba terminar por consoante seguida por mais uma consoante, embora a vogal seja breve, a sílaba será longa.[...] Toda sílaba constituída por vogal longa, ou por ditongo, acompanhados ou não por consoante, é longa.

Na percepção do autor, conforme podemos constatar, há sempre uma regra silábica que determina a posição do acento; sendo assim, a regra de acentuação é estruturada pela posição da sílaba que a segue, ou seja, pelo peso silábico.

Vejamos alguns exemplos apresentados abaixo:

(5) (a) palavras com duas sílabas

(légis, ámas, quíndam, ínter, etc.)

(b) palavras de mais de duas sílabas

com a penúltima longa:

fidélis, amáthur, legúntur, etc.

(c) com a penúltima sílaba breve:

fácilis, légitur, fémina, etc.

Niérdemann (1953, p. 14)

Segundo Faria (1970), a divisão da sílaba era realizada da mesma maneira do que se o faz em português, como segue o exemplo: a) a consoante entre duas vogais pertence à sílaba seguinte. Ex: A-la, cau-as; b) quando duas ou mais consoante parecem contínuas, a última pertence à sílaba seguinte. Ex: Caus- ti-cus, cons-ta-re; c) nas consoantes dobradas, cada uma pertence a uma sílaba.

Ex: Stel-la, car-rus; d) oclusiva ou fricativa + líquidas acompanham a vogal seguinte. Ex: Dex-tra, re-pli-co.

No latim clássico, as vogais podiam ser pronunciadas com duração breve ou longa, pois havia distinção na duração das vogais que proporcionavam a distinção das palavras e dos morfemas (cf. Ilari, 2006, p. 72). Outra característica era a função morfológica que distinguia o caso nominativo do ablativo (cf. rosā (nom.) vs. Rosā (abl.)).

Segundo Massini-Cagliari (1995), a regra de distribuição do acento no latim clássico baseia-se na quantidade silábica, ou seja, no peso da sílaba. Portanto, há uma distinção entre o latim vulgar e o latim clássico, no que se refere ao deslocamento da sílaba. Vejamos:

(6) Latim clássico	Latim vulgar
Integrum	intégrum
Tonitrum	tonítrum

A diferença de acentuação entre latim clássico e latim vulgar, segundo a autora, é quando o acento no latim clássico cair em *ě* ou *ĩ* em hiato na antepenúltima sílaba, deslocando na modalidade vulgar, para a vogal seguinte. Vejamos:

(7) Latim clássico	Latim vulgar
Filiólus	Filiólus
Lintéolum	Linteólum
Mulíerem	Muliérem

Parafraseando Cagliari¹, a outra diferença apresentada no latim clássico e vulgar é referente a palavras compostas, que, no latim clássico, seguem a regra de acentuação, caindo muitas vezes no prefixo; já em latim vulgar, o acento cai normalmente na sílaba acentuada do segundo elemento.

(8) Latim vulgar	Latim clássico
révoco	revóco
rétinet	reténet

1 Exemplos retirados da tese de doutorado de Gladis Cagliari.

Essas são as principais mudanças de acentuação ocorridas entre o latim clássico e o latim vulgar; porém, sabemos que há inúmeros ocorrências e também exceções, ou palavras que entraram no vocabulário vindas de outras origens e que não obdeceram à regra . Então, necessitamos de um estudo mais aprofundado para verificar as influências de outras línguas no latim.

Essas representações deram um parâmetro, mesmo que superficial de como foi o comportamento do acento nas palavras latinas; assim, fica a necessidade de um estudo mais abrangente para entender como foi a ramificação e a formação de outras línguas originadas do latim.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ACENTO EM PORTUGUÊS

Segundo Câmara (1970, *apud* Bisol, 2005), o acento tônico é distintivo em português, diferenciando vocábulos e sofrendo classificação: oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas. Assim, a estrutura silábica é relevante ao processo de acentuação. Para Bisol (2005), o acento é um segmento que se sobrepõe a outro segmento, então atribui-se o nome de supra-segmento. Outra característica que a autora menciona é que o acento é livre, não havendo nenhuma posição determinada em relação à estrutura segmental. No mesmo pensamento, Andrade (1992, p. 192) atribui a seguinte característica para o acento em português:

- (1) o português é uma língua de acento “livre”, não se podendo predizer o seu lugar na palavra;
- (2) é necessário distinguir dois sistemas na língua:
 - (a) o sistema verbal em que a vogal tónica é a última do radical, se depois dela houver uma vogal; senão, a vogal é a última vogal do tema;
 - (b) o sistema nominal, em que, em nível fonético, a vogal acentuada é a penúltima, se a palavra terminar em vogal; e a última, se a palavra terminar em consoante.

Em português, nós temos uma ocorrência maior de palavras oxítonas do que de proparoxítonas. Os dados mostram que quando esse registro aparece significativamente é sempre por meio de palavras de outras origens, como, por exemplo: jacaré, aristocrático, filólogo, etc.

Em se tratando de acento, consideramos esse traço como sendo segmental, mas não há uma única regra que lhe determine o lugar.

O processo de acentuação em português sofre algumas regras fonológicas que determinam certas ocorrências. Vejamos como funciona a regra de fonologia métrica para o acento em português.

Segundo Bisol (2005, p. 34), algumas noções são importantes para a regra de acentuação, como levar em consideração o peso silábico e o pé métrico, sendo que as exceções são resolvidas através da extremetricidade. Vejamos a regra do acento primário:

(9) Regra do Acento Primário

Domínio do acento primário

- i. Atribui um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forma um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Segundo a autora, o acento é sensível à sílaba pesada final; quanto ao pé, a regra determina que o acento irá cair sobre a segunda sílaba, desde que a primeira não seja pesada. Já nos nomes, a extremetricidade incide sobre exceções, sendo marcada sobre a forma subjacente da palavra (COLLISCHONN, 2001, p. 145).

Vejamos o exemplo:

(10) (a) rápi<da>

(* .)

(b) fósfo<ro>

(* .)

Conforme o exemplo acima, a sílaba se torna invisível, considerando a borda direita da palavra, partindo da segunda sílaba; assim, o acento cai sobre a antepenúltima.

Vejamos uma representação da derivação da palavra árvore²:

ár vo (re)

(* .)

['arvuri]

Nas palavras abaixo, o elemento extramétrico é a coda silábica³:

úti<l> lápi<s> açúca<r>

2 Idem, op. cit. p. 150.

3 Idem, op. cit. p. 155.

Com a coda invisível, a sílaba final não pode ser interpretada como pesada, e assim o acento será atribuído à segunda sílaba, a partir da borda direita.

(11) Derivação de útil:

úti<l> Forma subjacente (já silabada)

(* .) Regra (ii)

[?w] Forma derivada

Nos verbos, as formas que incidem extremicidade são: (i) formas como *cantem*, *falas*, em que a sílaba final pesada não recebe acento e (ii) formas como *gostávamos*, *cantássemos*, em que o acento cai sobre a antepenúltima sílaba.

Marcamos como extra-métrica:

(i) a sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural dos tempos do imperfeito;

(ii) nos demais casos, a consoante com *status* de flexão.

Vejamos um caso:

Os nomes oxítonos terminados em vogal, como *jacaré*, são considerados como se tivessem uma consoante final, abstrata, na forma lexical.

Em palavras não derivadas, como *café*, *araçá* e *chá*, a consoante fica em posição de coda da sílaba. Nessa posição, quando não ligada a nenhum nó de raiz, essa consoante é apagada, porque está desassociada, não recebendo interpretação fonética. Nas palavras derivadas, por ressilabação, ela passa para a posição de ataque e recebe interpretação fonética. Veja:

(12) (a) derivação de *café* e *cafeteira*

K a f C Forma subjacente

ka. f C Silabação

(*) Acento

Ka. C+eira Derivação

Ka.f.Cei.ra Ressilabação

(* .) Acento

Uma observação importante no português é que os pés métricos aceitam pés degenerados. Isso acontece porque temos os monossílabos acentuados, caso que não acontece no latim.

O estudo de Collishchonn (2001) trouxe o modelo de grade métrica formulada por Liberman e Price (1997), conforme vemos abaixo:

(13) (*) linha 2

(* . * .) linha 1

(* *) (* *) linha 0

bor bo le ta

No exemplo acima, as sílabas *bor* e *bo* formam constituintes, assim como *le ta*, e suas cabeças são *bor* e *le*. A grade métrica (posição da cabeça) pode ser da esquerda para direita, ou vice e versa, pois a “posição é independente da direção da construção de constituintes”.

(14) 7

5 6

1 2 3 4

bor bo le ta

s w s w

↘ ↙ ↘ ↙

w s

↘ ↙

Sabemos que cada constituinte apresentará uma sílaba mais forte e uma mais fraca; assim, o valor numérico caracterizará o acento mais forte. Verificamos que, nos estudos de Bisol, a utilização da extra metricidade tem grande importância para a regra em português, alternando-se de acordo com a categoria lexical e do conteúdo do item lexical, ou seja, no não-verbo, é equiparada fonologicamente; no verbo, é condicionada morfológicamente. Entende-se que a sensibilidade ao peso da sílaba final atrai o acento em palavras em sílaba ramificada (em palavras cujo final é uma sílaba leve, forma-se um pé binário de cabeça à esquerda). Assim, a primeira linha mostra, através de pontos, as sílabas segmentadas; a segunda indica com asterisco o elemento forte e a terceira, o acento da palavra. Sílabas com colchetes angulados, ditas extra métricas, são ignoradas pelas regras desse processo de acentuação.

Para Mattoso Câmara (*apud* Bisol, 2005), há duas funções do acento em português, uma distintiva e outra delimitativa, compondo as mudanças dos locais dos acentos. Embora haja muitas teorias que versam sobre a colocação do acento, sabemos que o acento é flexível ao uso de padrões estabelecidos pela língua em constante mudança. Isso porque a heterogeneidade configura um *status* sempre aleatório ao contexto. Dessa forma, tentamos mostrar algumas regras que encadeiam as ocorrências do acento.

4. VERIFICAÇÃO SOBRE O PESO SILÁBICO E O APAGAMENTO

Definiremos sílaba, segundo a Wikipedia,⁴ como o conjunto de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Na língua portuguesa, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Essa sílaba poderá ter uma vogal que poderá ser precedida de “onset” ou seguida de “rima” por uma ou mais consoantes ou por uma vogal que será a “glide”. Como já mencionamos, o núcleo da sílaba sempre será uma vogal e seu peso silábico sempre acompanhará o peso relativo da sílaba, sendo interpretada pela denotação “leve” ou “pesada”. Assim, o peso pesado, a sílaba, assumirá duas posições preenchidas na rima, e o peso leve, apenas uma posição. Isso é uma das coisas que vão caracterizar a posição do acento em português. Na fonologia métrica, o acento é visto como uma propriedade relacional, resultante da relação da proeminência das sílabas adjacentes dos constituintes prosódicos. Sendo assim, forma-se a partir da sílaba uma estrutura acentual, dando origem aos pés métricos. É o acento que vai marcar fonologicamente o nosso vocábulo; assim, funcionará também como distintivo de alguns vocábulos: *sabia* de *sabiá*, e *secretária* de *secretaria*, etc.

Em língua portuguesa, consideramos que a grande maioria das palavras têm acento na penúltima sílaba, porque os maiores casos das antepenúltimas são palavras de origem de outras línguas. Vejamos que o apagamento da penúltima sílaba, conforme Bisol (2005), vai caracterizar a ocorrência:

- (14) (a) abóbora > abobra
(b) xícara > xícra
(c) árvore > árvri

4 www.wikipedia.org/wiki/silaba. Acesso em 18/01/2011.

Esses exemplos foram ilustrativos para mostrar como funciona o apagamento, mas não dão conta de elucidar todos os casos, já que temos várias ocorrências que caracterizam o dialeto da região, como, por exemplo, no Sul onde, em posição pós vocálica, o apagamento cresce. Assim, podemos dizer que a regra de apagamento pode ser dependente das condições em que a língua é usada, sofrendo mudanças nas ocorrências.

CONCLUSÃO

Verificaram-se, nesta pesquisa, as semelhanças e as diferenças no processo de acentuação do latim ao português. Neste estudo, percebemos que tanto no latim como em português a acentuação só pode ocorrer nas três últimas sílabas. Sendo assim, o peso silábico é que vai determinar a posição do acento na sílaba.

Com a fonologia métrica, percebemos como caracterizar a forma mais adequada de acentuação, tanto em latim como em português, pela proposta dos pés métricos binários, no troqueu irregular em que x é a sílaba final e (x .) é a contagem da sílaba mais leve e mais pesada.

Postulamos que o troqueu irregular é o pé mais significativo para caracterizar o padrão de acentuação dessas línguas, pois permite declarar a síncope como um processo baseado no pé, vez que esta sofre um apagamento do membro menos presente ao pé.

Assim, sabemos que o acento em português arcaico é caracterizado pelo troqueu irregular, por ser sensível ao peso da sílaba final, sendo leve ou pesada. Já a síncope ocorreu no latim vulgar apagando as vogais antepenúltima, resultando na presença das proparoxítonas no português arcaico.

Verificou-se que o acento primário no latim e em português só ocorre nas três últimas sílabas e que os casos que não seguem esse padrão são representados por palavras de outras origens. Decorrente disso, conseguimos exemplificar o comportamento do acento em nossa língua de forma a investigarmos a regra fonológica em que o acento está inserido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri, 1992.

ARAÚJO, L. C. de. Restauração acentual. *Science Automatic Press*, n. 2, p. 7-18, 2008.

BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs). *Fonologia e Variação*. Recortes do Português Brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *D.E.L.T.A.*, n. 14, p. 5, 2005. Disponível em: <http://www.scileo.br>. Acesso em 20/06/2011

CAGLIARI, L. C. *Acento em português: estudos sobre as regras de atribuição de acento em português*. Campinas: Edição do autor, 1999.

COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. *Letras de Hoje*, v. 29, n. 4, p. 39-40, 1994.

_____. A sílaba em português. In: BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 91-123.

FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

HALLE, M.; VERGNAUT, J. R. *An easy on stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.

ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.

LIBERMAN, I.; PRINCE, M. A. On stress. *Linguistic Inquiry*, v. 8, 1997.

MAURER, JR., T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico – um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese (doutorado). Universidade de Campinas, 1995.

MAURER JR; THEODORO, H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959

WILLIAMS, B. E. *Do latim ao português: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1973.